1.º anno | Lisboa, 27 de abril de 1885 | Numero 44

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

De que hei de eu fallar-te hoje? da Primavera? E' assumpto gasto e estafado. Não vale um madrigal, não merece sequer um adjectivo.

Pódem vir dizer-me que o sol teve irradiações suaves, para affagar as cabeças bem penteadas dos artilheiros carolas, durante o transito da velha procissão da Saude; que o rouxinol ensaia as primeiras notas da sua ballada amorosa no arvoredo de Cintra; que os campos estão embalsamados pelo perfume das violetas, e que já destilam alegres, pelas ruas symetricas da Baixa, entoando uma symphonia triumphante, *toilettes* ligeiras e multicores, frescas como carapinhadas, diaphanas como veus de noiva.

CONVENTO DE BRANCANES, EM SETUBAL

Eu não acredito nas doces irradiações do sol, nem nos concertos festivos da Natureza, nem nas *romanzas* apaixonadas dos rouxinoes. Emquanto me sentir bem, dentro das minhas flanellas tepidas, e a chuva fizer o desespero do meu chapeu alto, supponho que estou em plena invernia e que as borboletas dormem ainda, a somno solto, no fundo das suas chrysalidas, a despeito dos annuncios pomposos do kalendario.

Isto não é Primavera nem coisa que se lhe assemelhe: é uma caçoada do Creador, uma troça do Padre Eterno.

Vae a gente, na melhor das intenções, illudido pela doce limpidez d'uma athmosphera sem nuvens, dar o seu obulo ás raparigas abandonadas, no bazar do Passeio da Estrella, e vem de lá distillando chuva por todas as costuras do fato, açoutado por uma ventania agreste que lhe desmancha o alinho do cabello, enregelado por um nordestesinho cortante, com acompanhamento de relampagos em zig-zague e de trovões em oitava abaixo.

Parece que até o proprio Jeovah conspira contra o santo exercicio da Caridade de portas a dentro, molhando as festas dos nossos pobresinhos.

E, segundo dizem as gazetas, é só entre nós que a Primavera se mostra retardataria. Em Paris, por exemplo, já os poetas saudaram ha muito o seu regresso. Houve quem a tivesse visto chegar ao parque Monceau, envolta n'uma athmosphera d'ouro e ro-

sas, e passeiar entre as aléas do bosque de Bolonha, pelo braço d'uma loira *cocotte* vestida de *blue-ciel*.

Ali sim, que se beijam as andorinhas, e os rouxinoes—tenores feiticeiros—entoam canticos festivos saltitando de ramo em ramo!...

Foi por isso, seguramente, que a minha collega D. Guiomar Torrezão levantou o vôo da pallida Lisboa, e foi a Paris doudejar pelos Campos-Elyseos, emquanto eu me aborreço aqui, na eterna semsaboria da chronica, acorrentado á penna que detesto, prezo diante d'uns quartos de papel branco que abomino...

Ella, a feliz, ha de vêr pôr-se o sol, da Cascata do Bois; ha de exhibir todas as finas subtilezas do idioma pariziense, em doce *tête-à-tête* com Alexandre Dumas filho; beijar a sua loira Devriés; abraçar affectuosamente a sua bella Judic; estender a mão a Sarah Bernhardt; assistir aos *five ó clock tea* da baronne Adolphe de Rothschilde; percorrer embevecida e deslumbrada os salões *où l'on cause*, da condessa d'Argy; as salas *où l'on potine*, de madame de Lagrené, e o *boudoir où l'on pschuttise*, da condessa de Brigode.

A princeza Rattazzi, sua dilecta, apresental-a-ha ao conde de Morny, ao marechal de Mac Mahon e ao presidente da republica. Sardou ler-lhe-ha a sua ultima comedia; Maupassant o seu ultimo conto ainda inedito; madame de Peyronnie as provas d'um artigo que vae publicar no *Figaro*.

Sarcey terá para ella um d'aquelles sorrisos rabelaisianos, que lhe são peculiares; Ferry explicar-lhe-ha como cahiu o seu ministerio, e Alexandre Dumas far-lhe-ha a promessa d'uma nova epistola, descompondo o Gervasio Lobato por não pagar aos authores francezes os direitos das traducções para o Gymnasio.

A Judic, representando a *Femme à Papa*, nas Variedades, cantará em sua honra uns *couplets* novos. No *foyer* da Comedia Franceza reunir-se-hão, para a receber solemnemente, todos os artistas dramaticos d'*élite*. Cavaquear-se-ha muito, sobre esta nesga de terra ignorada onde ninguem sabe o francez e onde a Primavera se envergonha de despejar em cima de nós a sua cornucopia de graças.

Assistindo sorridente e boquiaberta a tudo isto, abraçada por uns, festejada por outros, contemplada curiosamente por todos, a minha estimavel collega terá assumpto de sobra para umas bellas cartas, cheias de colorido e palpitantes d'interesse, que o *Diario Illustrado* deve publicar, na sua pagina de honra, dentro de poucos dias, e que o nosso indigena saboreará, entre a *omelette* e o chá do almoço, mordido por um pequenino sentimento d'inveja, com pena de que a traductora da *Denise* não o tivesse levado dentro da mala, envolto em dois pares de meias de seda, ou n'uma dobra do *corsage rose pâle*.

Emquanto ella flana descuidosamente pelos *boulevards*, janta no Café Riche ceia no Tortoni, com *Champagne* e truffas, colhe flores no jardim do Luxembourg, e assiste ás recepções de madame de Rutte, nós vemos sair da ermida da Mouraria, com anjinhos d'azas de tarlatana, e os musicos pretos de S. Thomé no couce, a procissão de Nossa Senhora da Saude; assistimos, no Gymnasio, aos espectaculos d'uma companhia franceza de terceira ordem, muito patusca; jantamos patriarchalmente, em casa, o *menú* habitual, sem *hors d'œurre* appetitosos; ouvimos o *Fausto* no Colyseu, e ceiamos no Silva.

Desponta o dia seguinte, e á falta de procissão, temos o bazar da Estrella, convidando-nos a comprar sortes em branco, ou a apanhar um aguaceiro forte.

Dissipada a vertigem que todos estes prazeres produzem, extincta a febre que se gera n'este redemoinho de gozos estonteadores, chega-nos ao ouvido a noticia de que o governo apresentou ao parlamento uma proposta tendente á organisação autonoma do municipio de Lisboa; veem dizer-nos que varios despachantes, alguns logistas e dois ou tres empregados aduaneiros subalternos, da capital, apanharam uma indigestão d'assucar; convidam-nos a apreciar como compositor musical o barytono Sparapani; segredam-nos que as touradas do Campo de Sant'Anna são magnificas; que o ultimo baile do sr. conde de Magalhães foi d'um esplendor nunca visto até hoje pela nossa sociedade elegante, e que Paulus, o rei da cançoneta, vale bem os quinze tostões por que se vende cada *fauteuil* do Gymnasio.

Quanto á proposta de lei que reorganisa o municipio de Lisboa, confesso ingenuamente:—não a li. Os projectos governamentaes massam-me; e de resto, agora está em moda não os ler nem os discutir, por bons que sejam.

Do roubo dos direitos d'assucar praticado na alfandega, não vale a pena fallar-te. O thesouro é rico, o assucar é doce, e a humanidade é fragil. Se as lambarices não a tentarem, o que ha de tental-a?

A *Ave-Maria* de Sparapani, cantada em S. Carlos por uma amadora distincta, pareceu-nos ultra-plangente, sem elevação nem colorido. Com franqueza, gostamos muito mais do barytono que do compositor, preferindo ao Sparapani da *Ave-Maria* o Sparapani da *Carmen*.

As touradas do Guerra são effectivamente extraordinarias, pela qualidade dos curros, pelos embellezamentos da praça, e pelo garbo e valentia dos lidadores.

O baile dos condes de Magalhães foi o assumpto capital da semana. Assistiu a elle tudo quanto ha de mais elegante, de mais aristocratico e gentil em Lisboa, para ver quanto Lisboa encerra de mais rico e distincto.

Os donos da casa—um palacio feerico mandado construir por D. João V—mostraram aos seus convidados salões riquissimos, onde se admiram, em *pêle-mêle* artistico, quadros de Murillo e de Rembrandt, bellos candelabros de Saxe, ricas porcelanas de Sèvres, soberbos estofos de Gobelin, esplendidas loiças authenticas do Japão, e *bibelots* d'um valor incalculavel; offereceram-lhes uma ceia de principes; deram-lhes os deslumbramentos d'uma vivenda encantada.

Em troca, os convidados offertaram-lhes as flores do seu espirito, exhuberantemente manifestado nas marcas gentilissimas d'um *cotillon* de bello effeito, novo, lindo, adoravel.

Entre essas marcas, havia a das *carteiras*, umas carteirinhas elegantes, offerecidas pelos homens ás senhoras, e em que se liam versos primorosos.

Aqui te dou, como amostra, uma encantadora sextilha, firmada por Fernando Caldeira:

> Vamos valsar, Viscondessa?
> Mas lembro-lhe os meus conselhos:
> Para evitar que entonteça,
> Não olhe, curve a cabeça
> Ao passar pelos espelhos...
> Vamos dançar, Viscondessa?

Além dos versos, quizera fazer-te presente d'uma carteira, mas não posso.

E o Paulus? Vale o dinheiro? Merece os applausos do publico? Vale e merece. Todavia, as caretas d'este endiabrado *gaillard* parisiense fazem-nos pensar n'uma coisa: se Taborda tivesse vinte annos menos... se elle podesse rejuvenescer e debellar aquella surdez rebelde...

C. DANTAS.

TENTAÇÃO

> Ás vezes nasce em mim o fervido desejo
> Não sei se bestial, mas grande, fundo, ardente,
> De ir dar alento e vida ao teu amor dormente,
> Pousando n'essa bocca um prolongado beijo.
>
> Depois, fico indeciso, hesito, sinto pejo,
> E ponho-me a pensar se um osculo fremente
> Em vez d'ir accender essa affeição latente,
> Fará morrer de todo a esp'rança porque almejo.
>
> Por fim, a tentação esvae-se-me fugaz;
> Evoco o Deus da Fé, repillo Satanaz,
> E o beijo não se dá... e o teu affecto dorme.
>
> Ai! Se elle não accorda um dia, scintillante,
> Brilhando n'esse olhar com a chamma crepitante
> Das grandes commoções..., que desventura enorme!

C. DANTAS

GARRETT E O SEU TEMPO

XVII

A historia da Maria da Fonte não está feita, mas vão-se congregando para ella bastantes documentos, insufficientes ainda assim. D'aqui a pouco succede com o movimento revolucionario de 1846 o que já está succedendo com as campanhas da Liberdade. Vão desapparecendo os actores que tomaram parte n'esses acontecimentos, e não ha quem possa referir *de visu* o modo como as coisas se passaram.

Teixeira de Vasconcellos, que, pelo seu espirito essencialmente parisiense, era o mais proprio possivel para escrever a historia intima da revolução do Minho em que desempenhou, apesar da sua mocidade, um papel importantissimo, teve a desastrada idéa de aproveitar as suas recordações pessoaes para escrever um romance historico, o *Prato de arroz doce*, livro a que se não podem ir pedir com toda a confiança os subsidios que ali se encontram, porque realmente se não sabe onde a memoria pára e onde a imaginação começa.

O famoso padre Casimiro escreveu tambem, debaixo do seu ponto de vista, a historia dos acontecimentos em que tomou parte na sua qualidade de guerrilheiro miguelista, e esse livro serviu

de base a outro de Camillo Castello Branco, publicado recentemente e que ainda não tivemos occasião de ler. E que mais ha? Mais nada. Os folhetos contemporaneos, eivados de paixão partidaria, umas paginas soltas aqui ou além, ao vento da publicidade jornalistica, mas nem Sá da Bandeira, nem José Passos, nem Saldanha, nem Palmella disseram o muito que sabiam ácerca d'esses acontecimentos.

A emboscada de 6 de outubro é o primeiro facto, que merecia uma larga historia. Uns accusam muito a rainha D. Maria II, outros defendem-n'a calorosamente. Pela nossa parte estamos convencidos que nem uns, nem outros teem rasão. A emboscada de 6 de outubro foi a repetição feliz da Belemzada, que não fôra bem succedida. Estamos perfeitamente convencidos de que a rainha adheriu de alma e coração a estes dois movimentos, mas estamos convencidos, tambem, de que estava no seu plenissimo direito de o fazer. Nós podemos sympathisar mais vivamente com o partido derrubado em 6 de outubro do que com o partido que triumphou, mas o que não podemos é reconhecer o direito da revolução sem reconhecer egualmente o direito da contra-revolução. Desde o momento que as coisas se decidem pela força das armas, os vencedores de hoje andam um pouco levianamente quando chamam «traição» a um movimento exactamente analogo ao que elles fizeram, só porque esse movimento os transforma nos vencidos do dia seguinte. Foi a revolução que impoz á rainha o ministerio de maio, foi a contra-revolução que deu á rainha o ministerio de 6 de outubro. O que ha de mais difficil nas luctas civis é reconhecer o direito dos adversarios. Todos os partidos entendem que teem a seu favor a vontade popular, e todos por conseguinte chamam aos inimigos «traidores á patria». Quem desejar ser justo ha de reconhecer que nas revoluções, se o direito de ataque é legitimo, não o é menos ou o direito de defeza ou o direito de desforra.

Quem andou correctamente n'essa occasião foi a cidade do Porto. Apenas lhe constou que a guarnição de Lisboa derrubára o ministerio Palmella, e pozera á frente dos negocios um ministerio cabralista com o duque de Saldanha por presidente, não perdeu tempo em fazer accusações de traição. Respondeu a um golpe com outro golpe. Pegou em armas, prendeu o duque da Terceira, e insurgiu-se. Ora isso é que é.

Contaram-me, e n'estas paginas fugitivas vou consignando tanto quanto posso as anedoctas que vou colhendo da bocca dos actores, que ainda vivem, d'esses grandes dramas da historia, contaram-me pois uma phrase do duque de Palmella, phrase muito simples, mas que mostra bem como aquelle fino diplomata, que tantas coisas vira, que assistira a tantas revoluções e a tantas contra-revoluções, se não deixava illudir facilmente pelas comedias da politica.

Era no dia 6 de outubro. Havia uma vaga agitação na cidade. Sentia-se que se preparava algum grande acontecimento. O duque de Palmella fôra ao Paço, e parece que alguem lhe dissera que a opinião estava sendo desfavoravel á manutenção do ministerio. Para lhe demonstrarem a verdade d'esta asserção, chamaram o commandante da guarda, e pediram-lhe que expozesse sem receio á rainha o que se passava e o que se dizia nos corpos.

O capitão, convenientemente industriado, observou que effectivamente lavrava na guarnição um profundo descontentamento, que todos lamentavam que o marechal Saldanha, que tanto prestigio tinha no exercito, não encontrasse ainda vago o seu logar de ministro da guerra.

O duque de Palmella, sem responder, meneava a cabeça, e, quando o capitão parou, disse apenas:

—Sim senhor! tenho entendido.

O capitão, obedecendo a um olhar do padre Marcos, continuou dizendo que o commercio tambem não estava satisfeito, que a organisação da guarda nacional descontentára muita gente.

E o duque de Palmella, impassivel, meneava a cabeça e dizia:

—Sim senhor, tenho entendido.

E, por mais que o capitão se esfalfasse, por mais que a rainha perguntasse a opinião do duque, nunca lhe poderam arrancar outra phrase senão:

—Tenho entendido.

E tinha. A demissão não o surprehendeu.

Brotou emfim a terrivel revolução, que a muito custo foi subjugada. Desgraçadamente, e esse, emquanto a nós, foi o erro capital da politica d'esse tempo, veio a intervenção estrangeira. Sem essa intervenção, a junta do Porto tambem não teria triumphado, mas a revolta terminaria por uma transacção, e o paiz teria ganho quatro annos, que foram perdidos para o seu progresso e para a sua tranquillidade.

A revolução não teria triumphado, essa é que é a verdade, e não nos parece que seja esse um problema historico ainda obscuro e difficil. O sr. Gomes de Amorim parece suppôr que a junta se deixou vencer de proposito, porque estava demasiadamente compromettida com os miguelistas, e temia que o seu triumpho ao mesmo tempo fosse a perda da liberdade. Tudo isso é uma perfeita illusão. A Junta foi vencida, porque não tinha os elementos militares necessarios para a victoria, tinha elementos de resistencia, mas não de triumpho. Basta dizer que os seus generaes eram Antas, Bomfim e Sá da Bandeira, e que o general do exercito cabralista era Saldanha, o primeiro estrategico do seu paiz e um dos primeiros do seu tempo.

Antas, um soldado heroico, era um general perfeitamente ignorante dos rudimentos da sua arte. O que elle fez em Hespanha honra a sua coragem cavalheiresca, mas dá ao mesmo tempo um triste documento dos seus talentos de general. Era um paladino e não um capitão.

Bomfim, mais instruido, passando mesmo por excellente official, tinha uma falta de iniciativa que o tornava absolutamente improprio para commandar em chefe, e sobretudo um *azar* que lhe tirava a confiança dos soldados. Bomfim tinha tambem uma estrella, como Napoleão, mas não era a estrella de Austerlitz e de Marengo, era a estrella das capitulações. Exercito, que elle commandasse, capitulava por força.

Eu conheci um rapaz intelligentissimo e espirituoso, Adriano Carlos de Mendonça Arraes, que estivera em Torres Vedras. Doze ou quatorze annos depois, ia elle para Belem com um amigo seu, militar, quando no Caes do Sodré foi assaltado pelo patrão do barco da carreira de Belem, que o convidava a entrar.

—Mas olha que eu, dizia-lhe Adriano Carlos com a exuberancia de palavra que possuia, quero partir immediatamente.

—Só faltavam dois passageiros. Entrando os senhores, largamos já.

Saltaram para o bote, que effectivamente começou logo a affastar-se da praia.

Adriano Carlos fizera um comprimento circular, quando deu de repente com os olhos n'um dos passageiros. Apenas o vê, grita:

—Pára! atraca já! Quero saltar para terra!

—Mas senhor... bradava o patrão estupefacto.

—Atraca immediatamente, já te disse.

Não houve remedio senão obedecer. Então Adriano Carlos, já com um pé na amurada, volta-se para o passageiro, e diz-lhe:

—Com v. ex.ª, nem para o céo.

Era o conde de Bomfim.

Em terra o seu companheiro, que ia fardado, exprobrava-lhe amargamente o procedimento que elle tivera com um general, e que lhe podia acarretar desgostos.

—Cala-te! dizia-lhe Adriano Carlos, dando-lhe o braço, e com impagavel seriedade. Salvei-te a vida. Bote que leve o conde de Bomfim, vira-se a meio caminho.

Já morreu esse espirituosissimo companheiro, cuja *boutade* serve para exprimir bem o sentimento geral que reinava no exercito com relação ao conde de Bomfim.

Sá da Bandeira era o bravo dos bravos, mas nunca foi senão soldado. Em o cheiro da polvora lhe subindo á cabeça, não pensava senão em se bater, e esquecia-se completamente dos deveres do commando.

Contra estes homens manobravam Saldanha, que teve n'essa campanha de 1846 e 1847 uma das suas glorias estrategicas, o conde do Casal, que desde a campanha de Montevideu era reconhecido como o nosso melhor general de cavallaria, Vinhaes que era um official solido, Schwalbach e Santa Maria, que nada ficavam a dever em bravura a Antas e Sá da Bandeira. Do lado da revolução estavam as guerrilhas e o povo enthusiastico, mas do outro lado estavam os batalhões seriamente organisados, e são esses os que vencem.

PINHEIRO CHAGAS.

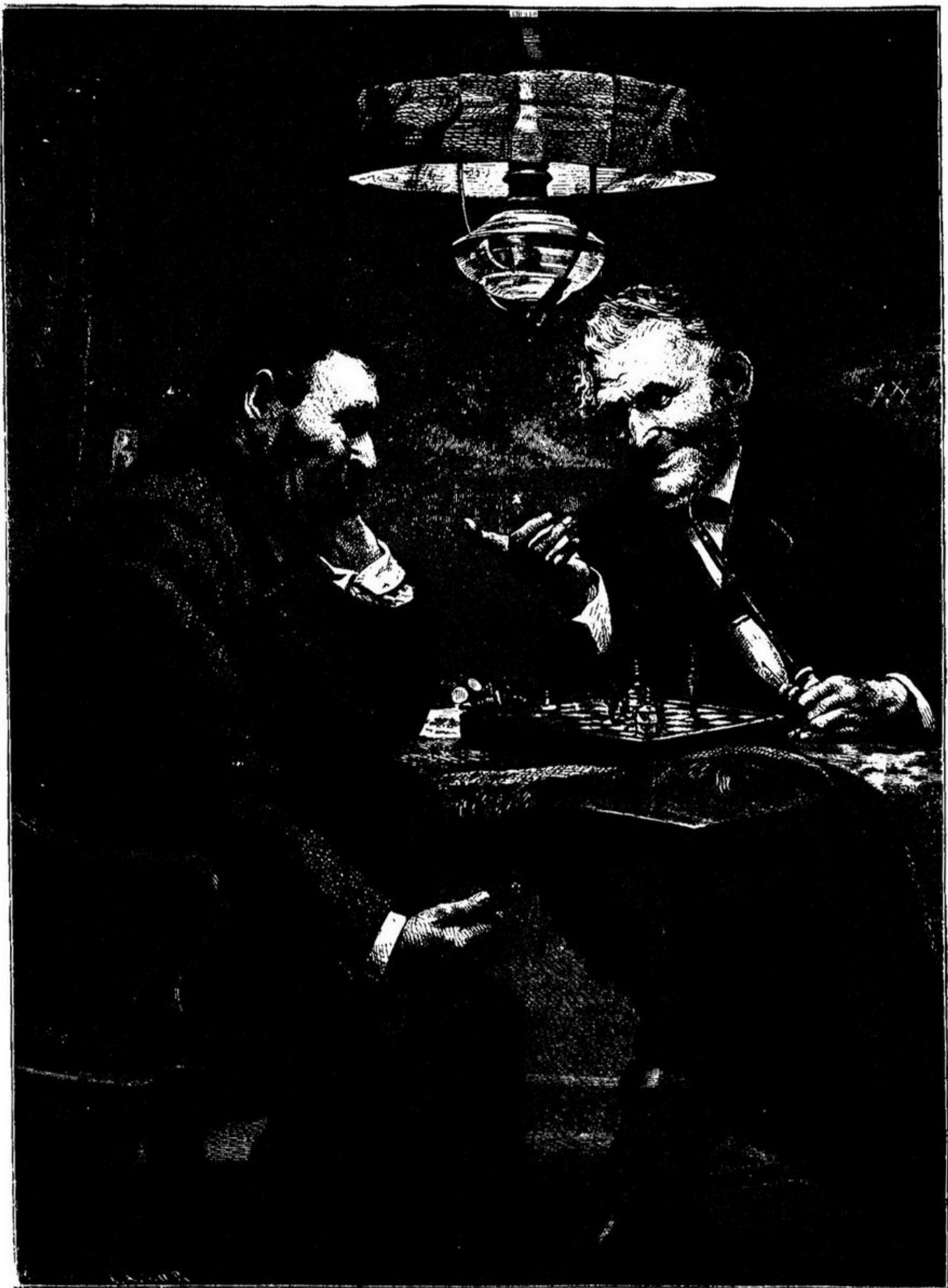
NO ESQUIFE D'UMA CREANÇA

Dorme!... Deixal-a dormir!
Na fita semi-aberta
Dos labios descórauitos
Anda-lhe o pae a sorrir...
Cuidado, se ella desperta
D'esses mundos infinitos
Onde se vive a sorrir!...
Dorme! Deixal-a dormir!

Esconde a medo nas tranças
O sorriso que a embala...
Dormem assim as creanças...
Deixal-a dormir! Deixal-a!

Sonha!... Deixal-a sonhar!
A' meia luz entre-aberta
Dos olhos desmaiaditos
Anda-lhe a mãe a brincar...
Cuidado, se ella desperta
D'esses mundos infinitos!...
Os sonhos são tão bonitos!
E' tão bonito o brincar!
Sonha? Deixal-a sonhar!

A boquinha enlanguescida
Finge fallar... e não falla!
Coitadinha!... Adormecida!
Deixal-a dormir! Deixal-a!

LUIZ OSORIO.

UMA PARTIDA DE XADREZ

A CONDEMNADA

UMA FLOR ENTRE FLORES

AS NOSSAS GRAVURAS

CONVENTO DE BRANCANES, EM SETUBAL

A nossa primeira estampa representa o antigo hospicio de *Nossa Senhora dos Anjos*, de missionarios apostolicos em Setubal, fundado pelo veneravel frei Antonio das Chagas, em 1682, e auxiliado por el-rei D. Pedro II.

Eis o que diz a respeito d'este mosteiro o sr. Barbosa Vilhena, n'um dos seus livros:

«Como este hospicio foi edificado em um terreno, que de tempos antigos chamavam de *Branca Annes*, veiu a ser conhecido o hospicio pela denominação popular de *Brancanes*, e o mesmo nome passou aos religiosos. Este edificio, com a sua cêrca arborisada, está situado n'uma encosta junto á cidade, em uma posição muito aprazivel e pittoresca. A sua pequena e modesta egreja encerrava outr'ora uma preciosidade artistica de grande valor. Era um quadro original do celebre Raphael d'Urbino, representando a Annunciação de Nossa Senhora. Dizem que este painel foi enviado de presente pelo papa Innocencio XI á rainha D. Catharina, filha de el-rei D. João IV, e que, tendo enviuvado de Carlos II, rei de Inglaterra, voltou para Lisboa. Algum tempo depois da morte d'esta princeza, foi o quadro doado áquelle hospicio, cremos que por seu sobrinho, o infante D. Francisco, filho de D. Pedro II. Pela extincção das ordens religiosas, veiu aquelle primor de arte enriquecer a galeria de pinturas da academia de bellas artes de Lisboa, onde se acha ao presente.»

UMA PARTIDA DE XADREZ

E assim passam todas as noites, aquellas duas viciosas creaturas.

O Xadrez representa para elles o supremo goso. Jogam, fumam, ralham, descompõem-se..., o que leva *cheque e mate*, n'alguma partida arrevezada, promette não tornar a jogar, mordido pela troça do parceiro, mas afinal o vicio póde mais que essas vans promessas, e arrasta-os quotidianamente para aquelles duelos tremendos, em que o vencedor de hoje é o vencido d'amanhã.

No fim de contas, são dois caturras que não incommodam a humanidade, e por quem não vem mal ao mundo.

UMA FLOR ENTRE FLORES

Flores por toda a parte. E' o que os nossos olhos encontram n'este abril encantado e feiticeiro.

Todavia, ha flores animadas, cuja formosura avantaja a da rosa, cujo perfume innebria mais que o da violeta.

Aquella gentil sevilhana, ajoelhada no amplo balcão do seu palacete, contemplando entre flores a procissão que passa, excede a todas as outras em belleza e aromas.

O peior é que um olhar seu tambem mata ás vezes, como a sombra lethal da mancenilheira.

Uma rosa inoffensiva não faz d'aquillo.

CONDEMNADA

Pela *mise-en-scène* lugubre que a rodeia, adivinha-se quem é a pobre condemnada:—Joanna d'Arc.

A heroica resignação que se lhe divisa no rosto impassivel e sereno, denuncia-nos, logo ao primeiro olhar, a *Virgem d'Orléans*, morrendo sobre a fogueira.

Sabe-se a historia d'aquella heroina franceza, cujo nome encheu o mundo, e cujo animo viril e masculo apavorou os inglezes.

O povo maravilhado ajoelhava na sua passagem. As multidões adoravam-n'a como a um ser sobrenatural. A sua fama espalhou-se por toda a França, indo além do Rheno e dos Alpes. Diante do seu estandarte glorioso prostraram-se exercitos aguerridos e valentes.

Mas, como nada n'este mundo é duradoiro, a gloria de Joanna d'Arc eclipsou-se depressa. Aos seus dias de triumpho, succederam-se horas amarissimas, de indiscriptivel martyrio.

Depois de ter levantado o cerco d'Orléans e de haver assegurado á França esplendidas victorias, a sonhadora Joanna foi vendida por 16:000 libras aos inglezes, com o assentimento do duque de Borgonha, e os politicos da Inglaterra decidiram que ella fosse julgada como feiticeira e heretica.

O bispo de Beauvais, Pedro Cauchon, encarregou-se de presidir ao tribunal ecclesiastico que julgou a heroina. Em 20 de fevereiro de 1431 iniciou-se este processo iniquo, em que Joanna d'Arc foi mais sublime do que nunca, d'uma eloquencia forte e singela, d'uma fé simples e fervente, d'um bom senso que destruia todas as subtilezas dos juizes, sempre cheia d'amor pela França e de respeito pelo seu rei que a abandonava.

Joanna assignou, com uma ignorancia ingenua, uma abjuração differente d'aquella que lhe leram no tribunal, e foi condemnada á prisão perpetua, com prohibição de tornar a vestir fatos de homem. Os inglezes ficaram furiosos; queriam ainda mais: desejavam a sua morte. Durante a noite, roubaram-lhe os vestidos de mulher, e Joanna d'Arc viu-se forçada a envergar de novo a sua armadura de guerreiro. Por tal motivo, condemnaram-a, como relapsa, a ser queimada viva. A terrivel sentença foi odiosamente executada na praça do Vieux-Marché, em 30 de maio de 1431, sem que a coragem da famosa heroina se desmentisse um só instante.

Carlos VII arrependeu-se mais tarde da sua revoltante ingratidão, mas já não havia remedio. A *Virgem d'Orléans* tinha morrido queimada na praça publica, com o corpo amarrado a um poste ignominioso.

E' n'essa attitude que a nossa gravura a representa.

DEITANDO O BARCO A NADO

Um quadro das nossas praias, illuminado pelo sol do verão.

Simples na sua contextura, e verdadeiro em todos os seus detalhes, não precisa de que o descrevamos minuciosamente.

Tres pescadores tratam de deitar a nado o barquito veleiro onde vão lá fóra, na costa, ganhar o sustento quotidiano.

E' a hora da maré, e qualquer pequenina delonga prejudical-os-ia.

Por isso o mais velho da companha, empurrando a canôa para dentro d'agua, diz á ré, para um *mirone* que os contempla, de mãos nos bolsos:

—A'la, que se faz tarde!

O MEU DESEJO

Ha quem deseje ser, na fama, um Calderon
Ou quem tambem aspire aos loiros d'Walter-Scott;
Uns quereriam ser Henault, outros Buffon,
Alguns Mozart ou Dante, O Cromwell, Boileau

Alguns hão d'invejar esse impio Diderot,
E muitos—quem o sabe?—o sceptico Zenão;
Hav'rá, pelo contrario, amantes d'um Jacob
Ou quem deseje ser, na fama, um Salomão

A outros tentará Pompeu, Catão ou Mario,
A algum Colombo ou Vasco, a muitos um Pombal,
E muitos gostarão d'um Crésus millionario.

Eu sou, no meu desejo, um tanto original:
Quizera ir de visita ao mundo mortuario;
Ser Lazaro pr'a ver o mundo immaterial.

Arcos de Val de Vez. MANCEL VAZ.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

A. G. E. M.—Providencias!—Houve já quem as pedisse contra a demasia de «passatempos», e quem fulminasse com as suas iras leoninas a publicação de problemas de xadrez, d'enigmas pittorescos, de problemas e até de charadas.

Tem havido de tudo. Preferiam outra materia, e nós, procurando ser-lhes agradaveis, encurtámos a secção que v. ex.ª deseja ver mais extensa.

Se pode, aconselhe-nos o modo d'agradar a gregos e a troyanos, ficando certo de que ha por cá muita vida e... muito bons desejos.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Não é coisa muito limpa, mas toma-se e limpa—2—1.

M. S. VALENÇA.

Tem valor este animal vermelho e branco—2—1.

No Chili e na Russia é hortaliça—1—3.

Este instrumento pode matar o poeta—2—1.

Funchal. ESTEVÃO AFFONSES.

Offerece a densa este presente—1—2.

E' inconstante na musica esta doença—3—1.

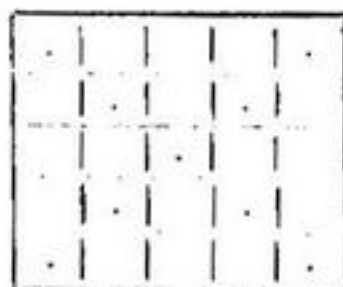
NingUEM & C.ª

EM VERSO

Para primeira, leitor,
Um adverbio has de encontrar.—1
P'ra segunda, matador,
Um pronome has de matar—1
P'ra tercia, decifrador,
Um verbo has de decifrar.—1

Junta prima com segunda,
E ambas co'a derradeira,
Verás, sem arte profunda,
Nome d'ave brazileira.

Thaumaturgo.

EM DIAGONAL

Se assim moteja, tem graça
Fazes bem, p'ra não cansar.
Pobre louco, que desgraça!
Fazei-o sempre nas cartas
E buscae-me junto ao mar.

Nas duas diagonaes
Cruzam-se as mesmas vogaes.

Bensafrim. G.

ACROSTICO GEOGRAPHICO

Dispôr as 19 syllabas seguintes:
Ves—Ting—A—Na—Ers—Te—Sil—Ren—Zell—Can—Feld—Mur—Li—Hun—Ta—Ap—To—Don—Pen,
De modo que dêem os nomes das seguintes cidades europeas:
Cidade suissa—
» italiana—
» ingleza—
» prussiana—
» belga—
» hespanhola—
» portugueza—
Formando as lettras iniciaes e as finaes os nomes de duas outras cidades tambem europeas.

A. Marques Pereira.

LOGOGRIPHO

(Ao sr. N. A. d'Albuquerque)

Sendo rio, meu amigo,—7—13—11—2—13
Rio pode procurar.—11—8—10—9—6—11
Porém, achando animal,—12—8—2—3—10
Tambem rio ha de achar—1—5—8—2—4

O todo, meu caro amigo,
De mim queira receber;
Pois que mui reconhecido
Lh'o envio com prazer.

José Dias Velloso.

ENIGMAS

(Ao eximio charadista, o sr. Augusto Luiz Lilhão)

Meu todo tem cinco lettras,
Que, reduzindo-se a tres,
Vão tres syllabas formar,
Como tu de certo vês.

São eguaes primeira e quinta,
Segunda e quarta tambem.
Só a terceira, leitor,
E' que outra egual não tem.

A's direitas e ás avêssas
O mesmo nome verás.
O meu todo, termo chulo,
Facilmente encontrarás.

J. G. da Cruz Mendonça.

PROBLEMA

Sendo 22 a somma de dois numeros, e 3718 a somma dos seus cubos, calcular o valor dos numeros.

Moraes d'Almeida.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:—Trovador—Reforma—Moscado—Argonantas—Avelino—Vagalume—Isaias—(Es-tri-bo, tri-den-te, bo-te-lha).
Dos logogriphos:—Theodolinda—Harpocrates.
Do problema:—205:200 combinações.

A RIR

Final d'uma conversação:
—Fulano é tão estupido, que, quando discuto com elle, chego a convencer-me de que sou eu o idiota!

*

Annuncio colhido n'um jornal francez:

ROBERTO

CABELLOS PARA NOIVAS

ALUGAM-SE POR UMA NOITE!

Um dominó.

UM CONSELHO POR SEMANA

Receita para debellar as colicas:
Misturam-se duas colheres d'assucar com doze gotas d'agua de flor de larangeira: junta-se-lhe uma colher de sopa, d'azeite, outra d'agua fria, e tres colheres d'agua a ferver, batendo muito bem o conjuncto.
Toma-se esta poção, por uma só vez, e a colica desapparecerá d'ahi a pouco.

HISTORIA DE UM BEIJO

Estavam quasi a terminar as ferias d'aquelle anno lectivo, esse delicioso interregno dos trabalhos escolares que todos os estudantes ambicionam com a desculpavel anciedade de quem sente no coração o vacuo profundo dos affectos, dos carinhos e das ternas solicitudes da familia. O Joãosinho, apesar de diligente e estudioso, apesar de devorado pela insaciavel sêde do saber e pelo estimulo generoso e viril de se crear pelo trabalho e pelos esforços da propria intelligencia uma posição que lhe garantisse um futuro despreoccupado e facil, não sentia, comtudo, o minimo desejo de transpôr de novo os humbraes do seu collegio, cujo recinto austero e glacial se lhe affigurava agora povoado de phantasmas lugubres e de visões importunas e tenebrosas...

Aquelles dois mezes, que elle passára na doce liberdade de uma aprazivel *villegiatura*, tinham-n'o transfigurado completamente. Sentia-se mais forte, mais robusto, e sobretudo muito mais alegre. Voltára do collegio magro e abatido, com o bistre das olheiras profundamente carregado e as faces retintas de uma pallidez cadaverica; e a familia, receiosa de ver assim fanar-se aquella delicada compleição de adolescente, quizera que elle sahisse de Lisboa, esperançada em que o ar sadio do campo lhe restauraria as forças e o sangue, vampirisado por uma crescente anemia. Foi assim que o Joãosinho se installou na casa de campo do primo Gouveia, uma encantadora vivenda onde os dias lhe haviam decorrido tão deleitosos, que já agora lhe era difficil conformar-se com a idéa de voltar de novo ás lides escolares, ao cabo das quaes, no entanto, elle entrevia os desvanecimentos da gloria e as alegrias do trabalho recompensado.

O primo Gouveia, homem sério e abastado, era um bom e generoso caracter, e tinha para elle toda a austera solicitude de um pae, temperada pela expansiva bonhomia de um amigo. Casára havia mezes, e o genio affavel e attrahente de sua mulher contribuia tambem, em grande parte, para accrescentar novos encantos áquella deliciosa convivencia. Izabel, muito mais nova do que o marido, era uma formosa loira, delicada e *mignonne*, perfil correcto e suave, tez pallida e velludinea e olhar de um azul acariciador e terno. Era uma natureza impressionavel e sensivel, embora sem arrebatamentos nem transportes. Sentia pelo marido um mixto de affeição e de respeito, e da alliança dos dois conjuges, embora desegual no tocante a edades, originára-se o mais tranquillo e invejavel *ménage*.

Na doce intimidade dos primos, que tanto o estimavam e a quem elle tanto queria, sentia-se o Joãosinho extremamente feliz, e por isso, ao pensar que aquelle periodo de bucolico remanso havia de findar em breves dias, possuia-se da mais profunda e desesperada tristeza. O collegio, para elle, tinha agora o aspecto frio de uma prisão soturna. Chegava a crer que não resistiria á dolorosa commoção de abandonar as suas excursões salutares pelos campos, os longos passeios á beiramar, as leituras amenas, ás horas calidas da sésta, sob a copa protectora das arvores, os aprazíveis colloquios com a amavel priminha, debaixo dos caramanchões floridos, aspirando o aroma penetrante das magno-

lias, emfim, todos os prazeres, que a vida do campo lhe proporcionára durante aquelles dois mezes estivaes. Sobretudo, a lembrança de que no collegio não velaria junto d'elle o olhar luminoso da prima, de que não lhe affagaria o ouvido o timbre melodioso da sua voz argentina, affligia-o sobremaneira sem elle mesmo saber explicar o motivo. Nada, não podia ser:—elle não a amava. Na abençoada candura dos seus dezeseis annos chegava até a horrorisar-se só com a idéa de que algum dia podesse alimentar esse sentimento pela esposa d'aquelle homem tão digno, tão respeitavel, e a quem elle era devedor das mais extremadas finezas. Um tal amor seria uma profanação, um sacrilegio, e o que elle sentia pela Izabelinha era apenas o resultado do natural influxo d'aquella mulher tentadora, que parecia irradiar em torno de si ethereos esplendores.

No entretanto, o Joãosinho começava outra vez a sentir-se triste; os alegres passeios campesinos já o não distrahiam como d'antes, e em certos momentos a despreoccupação de espirito cedia logar a um desalento profundo ou a uma implacavel irritação de nervos, que embalde tentava dissimular.

Uma tarde, a galante priminha largára da mão o livro de leitura e assomára á janella do *chalet*, um dos mais pittorescos que bordavam a estrada, caprichosamente desenhada em zig-zagues, como uma fita estendida ao longo d'aquella vegetação exuberante e opulenta. As sombras ligeiramente brumosas do crepusculo começavam a alongar-se pelas encostas verdejantes e pela superficie espelhenta do mar, onde o sol, prestes a sumir-se n'um glorioso occaso, punha reflexos sanguinolentos de uma pompa flammejante e triumphal. Izabel, languidamente debruçada sobre o peitoril, fitou por momentos o olhar indeciso na paisagem que em torno se esboçava, atravez da tenuissima poeira de opala derramada no ar morno, cheio de uma tranquilla e voluptuosa placidez. Sobretudo, a larga faxa do oceano que d'ali se avistava, e onde as velas brancas das muletas, n'aquella diffusão luminosa do esmaecer do dia, sobresahiam como azas abertas de enormes albatrozes, parecia captival-a particularmente, com o attractivo mysterioso e profundo que o aspecto do mar exerce sobre todas as organisações impressionaveis. N'aquella scismadora indolencia, envolta nas pregas da sua bata de musselina branca, tinha o aspecto phantastico das virgens ideaes das balladas germanicas. O Joãosinho approximou-se d'ella, muito subtilmente, e quedou-se a olhal-a por instantes. Nunca a prima lhe parecera tão divinamente bella. Enlevado n'aquella contemplação deliciosa, elle sentia o coração bater-lhe com descompassado alvoroço, e nos olhos scintillava-lhe um estranho fulgor. Depois, como que assaltado de uma tentação subita e irresistivel, approximou-se d'ella, cingiu-lhe meigamente o busto delicado e flexivel, e collando os labios tremulos aos labios gentis da priminha, depoz n'elles um ardente e prolongado beijo.

DEITANDO O BARCO A NADO

A Izabelinha, sem que se revelasse indignada, soltou apenas um grito abafado, fez-se muito vermelha, deixou pender a cabeça sobre o peito, e cerrou os olhos cheia de uma encantadora confusão. Quanto ao primo, esse, como que tomado de um sentimento de horror pela ousadia do seu delicto, deitou a fugir envergonhado, indo encerrar-se no quarto, e ali chorou sósinho as primeiras lagrimas do amor, lagrimas dulcificantes, lagrimas deliciosamente pungitivas... E no dia immediato declarava aos primos que regressava a Lisboa, por querer passar na companhia dos paes os dias que lhe restavam de ferias.

Quando voltou para o collegio sentiu confranger-se-lhe o coração, e nos primeiros dias assaltaram-n'o as mais desoladoras saudades no isolamento forçado, n'aquellas salas espaçosas vigiadas pelo olhar auctoritario de professores pedantes, ou nas extensas camaratas, silenciosas e tristes, onde as noites lhe pareciam interminaveis, e onde os rigores da disciplina tinham exigencias absurdas e ferozes.

Foi n'uma d'essas horas de intensa e cruciante magua que elle tentou expandir pela valvula da poesia as lagrimas que lhe requeimavam o peito. E escreveu estes versos:

O MEU CRIME

N'aquelle beijo apaixonado e ardente
Que depuz de teus labios na frescura,
N'um instante aspirei, soffregamente,
Ondas de nectar de ideal doçura.

Se te manchou a minha bocca impura,
O' pallida cecem meiga e dolente!
Supplico-te:—perdôa, foi loucura!
Cedi a tentação, inconsciente.

Mas não foi só loucura, foi um crime,
E se um negro remorso hoje me opprime
E a dôr me dilacera o coração,

E' que eu—bem o presinto—é que eu receio
Que o meu crime não tenha no teu seio
Uma lagrima só de compaixão!

O soneto foi publicado n'um jornal litterario redigido por academicos. Quando esse jornal lhe chegou ás mãos, Eduardo Gouveia soltou uma expansiva gargalhada, e aspirando com voluptuosidade o fumo do seu charuto, exclamou desdenhosamente:

—Criancices, criancices! E o caso é que o pequeno tem geito para a poesia, mas como a poesia não é modo de vida, bom seria que tratassem de lhe pôr côbro em tão derrancada bossa.

A Izabelinha, porém, limitou-se a sorrir com tristeza á observação do marido, e voltando o rosto, agitada n'um pequenino fremito nervoso, enxugou com a polpa rosada dos seus finos dedos uma lagrima importuna que lhe pendia das palpebras ..

MAGALHÃES FONSECA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA